

IMIGRAÇÃO, RAÇA E LINGUAGEM: TECENDO UM FIO DIASPÓRICO ENTRE OS CONCEITOS DE LÍNGUA DE ACOLHIMENTO, REEXISTÊNCIA E DE COLONIALIDADE

Mikaela Gabriele – Discente - UFOP¹

Kassandra Muniz – Docente - UFOP²

1. INTRODUÇÃO

O ensino de português como língua estrangeira (PLE) no Brasil inquieta, pois um grande número de estrangeiros negros buscam melhorias de vida em um país marcado pelo racismo. Nesse sentido, esta comunicação, propõe fazer um recorte sobre a importância da língua em acolher e discutir ações relativas à inserção linguística e cultural dos/as (i)migrantes negros/as, buscando entender como os letramentos de reexistência – a partir de um viés racial, voltados para sujeitos em contexto de migração, imigração e refúgio – dialoga com a possibilidade de um ensino de língua não colonizador.

2. A RELAÇÃO DE LINGUAGEM E IDENTIDADE DOS SUJEITOS EM CONTEXTOS DE (I)MIGRAÇÃO E REFÚGIO

A linguagem é o meio por excelência através do qual as coisas são “representadas” no pensamento, sendo portanto, o meio no qual a ideologia é gerada e transformada (HALL:2003:279). Joana Plaza Pinto desconsidera a ‘identidade linguística’ como uma expressão suficiente para as identidades, para a autora, as identidades não são postuladas apenas pela língua, se esse fenômeno existe por si só, mas pelos conjuntos das marcações do corpo que significa o sujeito previamente (PINTO, 2007).

¹ Graduanda na Faculdade de Letras –Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP
E-mail: mikaelagabriele@gmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. É professora adjunta do Depto. de Letras da UFOP. Líder do GELCI - Grupo de estudos sobre Linguagens, Culturas e Identidades nesta instituição na Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP
E-mail: kassymuniz@gmail.com

Pensar a linguagem e identidade no Brasil, em que corpos negros são marcados pelos estereótipos racistas criados pelo sistema colonial é um grande desafio. Se pautarmos na trajetórias de sujeitos em contexto (i) migração e refúgio, pensar esses corpos negros e distintos de culturas diversas, é começar a pensar nas várias identidades que chegam, quais serão os desafios que estas irão enfrentar e, também assim, pensar que essas identidades certamente serão performativas. Segundo Joana,

“O conceito de linguagem e seus conceitos correlatos (língua, fala, escrita, discurso etc.) foram performativamente construídos como parte da metalinguagem do mundo moderno/colonial (MIGNOLO, 2003), construindo e nomeando línguas e, portanto, constituindo regimes metadiscursivos. ”
(PINTO, 2014:114)

Nesse aspecto, a identidade de um falante é também performativa, ou seja, não existe senão na prática e na história e, é por isso mesmo, sempre múltipla, fragmentada e repetível. (PINTO,2007). Anzaldúa questiona: se você quer mesmo me ferir, fale mal da minha língua. A identidade étnica e a identidade linguística estão interligadas, ou seja, um sujeito não é senão a sua língua. (ANZALDUÁ, 2009:312).

“[...] identidades são performativas, ou seja, são efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamentos [...] [...] identidades são construções exigidas pelos ritos convencionais que postulam o sujeito de maneira a garantir a possibilidade do "nós" a partir da significação da existência prévia do 'eu' [...]” (Joana Plaza Pinto, 2007)

Conforme a autora, a linguagem faz parte de um lugar social em que a identidade não preexiste à linguagem. Os sujeitos devem marcar suas identidades repetidas vezes para que assim se sustente o ‘eu’ e o ‘nós’. Essa repetição torna-se assim necessária para que sustente a identidade devidamente, uma vez que, esta não existe desvinculada dos atos de fala que a sustentam. bell hooks em seu artigo *“Linguagens: ensinar novas paisagens/novas linguagens”* faz uma relação entre linguagem e dominação que possibilita entendermos “a língua como um lugar onde nós fazemos de nós mesmo sujeitos” (hooks, 2008:358). Contudo, é de interesse

entendermos também "sobre a conexão entre atos de fala, corpo e identidade" (PINTO, p.201).

Quando dirigimos o discurso para oralidade, a identidade está fortemente marcada, uma vez que se considera uma prática cultural difundirmos a cultura pela oralidade. Se pensarmos em nossos ancestrais, principalmente os africanos, conseguimos ver marcas fortíssimas de discursos que estão sendo mantidos vivos através da oralidade. E esse processo cultural diz muito sobre nosso referente biológico, que corrobora para a construção identidade e cultural, principalmente pensando através de um viés voltado pelo letramento como prática de liberdade.

“[...] A linguagem é o meio por excelência através do qual as coisas são “representadas” no pensamento, sendo, portanto, o meio no qual a ideologia é gerada e transformada. [...] a linguagem, por natureza, não é fixada em seus referentes em uma relação de um por um, mas é “multireferencial”: pode construir diferentes significados em torno do que aparenta ser a mesma relação social ou fenômeno.” (Stuart Hall, 2003:279)

Gloria Anzaldúa em seu artigo, “*Como domar uma língua selvagem*”, questiona o quanto estamos sendo cada vez mais obrigados a aprender uma língua colonizadora e como inconscientemente temos que apagar a nossa cultura para se adequar a outra. (ANZALDUÁ, 2009:306). E esse adequar muitas vezes é se submetem a constrangimentos, e invisibilidade da própria subjetividade e identidade. “Vivemos na verdade, uma época em que a questão da identidade já não pode ser mais considerada como algo pacífico. As identidades estão cada vez mais sendo percebidas como precárias e mutáveis, suscetíveis à renegociação constante.” (RAJAGOPALAN, 2003:69).

Sendo assim, aprender a língua de um país de origem, costumes e culturas diversas torna-se um grande desafio para quem está em contexto transitório. A língua e seu poder colonizador vai ser então posta em questionamento a partir de uma perspectiva decolonialista na qual a linguagem torna-se uma ferramenta importante para possibilitar emancipação e aprendizados entre culturas negras da diáspora africana.

Certamente, a maneira que a cultura dominante faz uso da língua, torna as diferenças linguísticas de uma cultura uma arma contra outra. Para sujeitos (i)migrantes e refugiados é fundamental pensar em uma língua portuguesa que vai

ser transformada numa língua possível de conectar com as vivências e saberes que esses sujeitos trazem para a sala de aula dentro das instituições de ensino de cursos de Português como língua estrangeira (PLE).

No caso dos sujeitos que vem para o Brasil, o questionamento é: se esta é a língua do opressor, mas, no entanto, precisamos dela para nos fazer ouvir quais práticas de letramentos podem ser fundamentais num contexto de migração, muitas vezes forçada, mesmo que não caracterizada como refúgio, para um país racista como o Brasil?

A ideia de letramento como prática de liberdade nesta pesquisa, se ancora na ideia de performatividade proposta Austin (1963), no qual não existe falso nem verdadeiros quando se trata de enunciados, ao contrário o enunciado performativo não pode jamais ser nem um nem outro, pois este tem sua própria função, e serve para realizar uma ação. (AUSTIN, 1963:111). Assim, entender o lugar da linguagem nas relações de poder e, dessa forma, entender que as identidades desses sujeitos não são constativas, mas performativas e é fundamental para compreender o processo de letramento e quais as práticas que se fundamentam na solidificação de uma identidade cultural.

Neste aspecto, julgamos fundamental entender o conceito de performatividade para que possamos entender a constituição identitárias desses sujeitos, entender também que o corpo em ação é performativo e como essa diferença diz respeito ao nosso corpo, nossa língua, e verifica-se de que devemos levar em conta não apenas as palavras usadas, mas a situação em que são usadas, o contexto (AUSTIN, 1963:21). Como afirma Anzaldúa, usamos nossas diferenças linguísticas contra o outro porque está internalizado o modo como que a nossa língua tem sido usada como arma contra nós pela cultura dominante, ou seja, “a identidade linguística de cada um de nós como resultado da globalização”. (RAJAGOPALAN, 2003:59).

A perspectiva de linguagem como performativa possibilita a concepção de uma língua que vê a identidades em processos de construção. É importante saber, que os sujeitos não vêm dissociados das questões de linguagem, então do mesmo modo que enxergamos os contextos sociais de forma ideológica, podemos compreender também a língua dessa maneira. Assim, “ao considerar a linguagem como a natureza social, ela se mostra produtiva para considerar as particularidades

dos discursos em relação ao lugar e à posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política e econômica.” (SOUZA, 2011:34)

Se formos pensar numa pedagogia que dê conta de trabalhar gênero, raça e classe, estamos pensando sobre uma pedagogia decolonial e uma educação antirracista e intercultural. Para Vera Maria Ferrão Candau, a decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber. (CANDAU, 2010:24). É pensar sobre o ensino, por exemplo, como uma forma de desconstruir o mito da democracia racial, onde possa adotar maneiras e estratégias pedagógicas que dê conta de valorizar as diferenças linguísticas e culturais, reforçando uma luta antirracista que questione comportamentos de discriminações em nosso cotidiano.

3. FORMAS DE LETRAMENTOS PARA SUJEITOS EM CONTEXTOS DE MIGRAÇÃO

Os letramentos para além das habilidades de ler e escrever, podem ser compreendidos também como "um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento tem implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder"(SOUZA, 2011:35). Para Ana Lúcia, Ione Jovino e Kassandra Muniz os letramentos de reexistência conforme busca entender as práticas cotidianas do uso da linguagem que provocam releituras de identidade,

“Os letramentos negros são vistos aqui como uma possibilidade de pensar a linguagem como mandinga, defendida como uma categoria negro-epistêmica de entender como nós negros e negras, lidamos com as armadilhas e desafios de uma linguagem que ao mesmo tempo em que tem o poder de nos aprisionar, tem a potencialidade de emancipação e decolonização de ideias.” (SOUZA; JOVINO; MUNIZ, 2018)

As questões de linguagem dos sujeitos – em especial, sujeitos negros – perpassa para além das questões teóricas, porque é entender esses sujeitos quanto

às suas diferenças e preservando a suas subjetividades. É discutir essas questões a partir de uma perspectiva decolonialista, para o acesso mais democrático do entendimento das práticas sociais discursivas presente no contexto desses sujeitos, em foco os que encontram em situação de refúgio ou migração.

Não é de proposta aqui, “conceber a língua portuguesa como a redentora ou salvadora para os sujeitos com os quais estou em contato nessa pesquisa, mas ao mesmo tempo, a pergunta é, se é possível fugir ao poder colonizador da língua?” (MUNIZ,2018). Pensar em letramento de reexistência é pensar em um letramento que possibilite uma conexão com os sujeitos (i)migrantes e refugiados. Conexão necessária para tornar a língua portuguesa uma língua possível e acolhedora.

Street Hall (2003) diz respeito a algumas críticas e apontamentos de pesquisadores sobre as questões de letramentos. Para Grillo (1989) o letramento é uma abreviatura para práticas sociais de leituras e escrita (STREET, 1984:1). O autor o associa como uma prática comunicativa, em que o letramento é estudado em um contexto mais amplo do estudo etnográfico das práticas comunicativas em diferentes contextos sociais (Ibidem, 2003:19). Os sujeitos não vêm dissociados das questões de linguagem, então do mesmo modo que enxergamos os contextos sociais de forma ideológica, podemos compreender também a língua dessa maneira.

Assim, “ao considerar a linguagem como a natureza social, ela se mostra produtiva para considerar as particularidades dos discursos em relação ao lugar e à posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política e econômica.” (SOUZA, 2011:34). Portanto, quando se pensa em letramentos, nota-se os grandes desafios que os pesquisadores encontram para compreender as várias formas do uso da linguagem, além disso, pode-se considerar que os letramentos diversos estão em constante mudança, pois os sujeitos que neles estão inseridos estão em constante processo de formação cultural.

No contexto de sujeitos migrantes e refugiados os letramentos tendem a ser alvo de reexistências, embora, as alfabetizações não necessariamente levam a esses sujeitos uma inserção completa na sociedade onde estão inseridos, nesse sentido, podemos considerar que “o motivo para alguém aprender uma língua estrangeira é o por um acesso a um mundo melhor.” (RAJAGOPALAN, 2003:65). Entretanto, a ideia proposta por Lúcia Barbosa (2016) da língua como forma de acolhimento está inteiramente relacionada a estas questões de sobrevivência e

reexistências. E nos faz pensar cuidadosamente sobre “o lugar da linguagem nas relações de poder” (hooks, 2013: 857) e, no entanto, entender que este acolhimento (BARBOSA, 2016) pode ter formas variadas tratando-se de um país racista como o Brasil.

A língua conforme Glória Anzaldúa (2009) pode ser uma das ferramentas de sobrevivência e reexistência com a qual possam construir suas identidades, capaz de entender as realidades e valores verdadeiros da própria identidade, não necessariamente perdendo a identidade tida como “original”, que é constituída de uma vasta carga multicultural.

4. CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA, CRÍTICA/TRANSGRESSIVA

Certamente a linguagem é de extrema importância para todo aspecto de atividade existente, ou seja, sem a linguagem qualquer forma de comunicação é impossível entre a vida humana. A linguagem aqui é pensada num sentido amplo, caminha para além da escrita e da oralidade, é pensada através da relação dos seus usos sociais e político. Pensando através das relações migratórias, as questões de linguagem tornam-se fundamental para esses sujeitos que se encontram em movimentos. Nesse âmbito, não nos interessa a língua portuguesa que vai oprimir os sujeitos em contexto de migração, interessa-nos uma concepção de língua que possa promover e acolher os sujeitos em seus mais diferentes pertencimentos identitários, fazendo uma leitura e releitura dos contextos dos quais esses sujeitos estão inseridos.

Entretanto, através de uma perspectiva decolonial de conceber não só os usos sociais com que esses sujeitos podem e devem se apropriar da língua, mas como estes usos podem promover emancipação de corpos, ideias e pertencimentos; interessa-nos analisar pelo viés da LA a relação entre reexistir e acolher. Tendo em vista que não basta apenas resistir às opressões que os/as migrantes encontram em nosso país, pois se faz necessário criar, se reinventar, possibilitando através de uma perspectiva transgressiva, existir dentro desse novo espaço territorial-identitários chamado Brasil.

Nesse sentido, a teoria crítica, torna-se responsável por fazer uma leitura e releitura, através de uma revisão epistemológica das ideias elitizadas, trata sobre

pensar o “lugar da linguagem nas relações de poder” (hooks,2008) que possibilite mudanças sociais e políticas. Mas o que seria uma visão crítica? Para responder essa questão, Pennycook (2006) traz vários significados ao termo crítico: “crítico no sentido de desenvolver distância crítica e objetividade; crítico no sentido de ser relevante socialmente; crítico seguindo a tradição neomarxista de pesquisa; e crítico como uma prática pós-moderna problematizadora (PENNYCOOK, 2006:67). Crítica aqui é pensada como uma revisão da literatura. É migrar de uma ideia concretizada e partir de princípios de mudanças e de renovação. É importante que esse conhecimento crítico não desassocie do que o sujeito é enquanto sujeito, seja ele político, social e cultural.

A partir do pensamento de Pennycook, a ideia da linguística aplicada transgressiva, aponta que não basta apenas pensar o entendimento da linguagem, mas como que essa linguagem é colocada para estes sujeitos. Como que os sujeitos pensam e conhecem a linguagem e dessa forma “trazer à tona novas formas de politização.” (Ibidem, 2006:68)

Em vez de ver a LAC como uma nova forma de conhecimento interdisciplinar, prefiro compreendê-la como uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador. (PENNYCOOK, 2006:67)

É necessário pensar na ideia de teoria crítica como uma releitura da literatura, para assim, “dar conta de questões significativas atuais.” (Ibidem, 2006:70). As teorias críticas tornam-se responsáveis por fazer essa revisão, buscando uma ampliação dessas ideias, para assim, trazer outras possibilidades de se pensar e trabalhar a ideia de linguagem.

No entanto, essas teorias críticas chegam na linguagem através de uma ideia de letramento. Haja vista que, não basta para esses sujeitos negros e migrantes, apenas alfabetizar, pois esses sujeitos usam a língua através de formas de mais diferentes usos sociais. E é justamente essas diferentes formas de usos sociais - que não necessariamente seja a aquisição de escrita e leitura - que denomina letramentos. Nesse sentido pensar, sobretudo, sobre uma possibilidade de língua para além do sistema, é pensar em formas de desestabilizar o que se considera como discurso cristalizado em que as práticas sociais de uso da língua são apenas ensinadas de forma formal.

A LA transgressiva, portanto, vai além dos limites normativos, procura imaginar de forma diferente, mantendo tanto a ação política do ensinar para transgredir de bell hooks como também as questões imbricadas no ensino como transgressão, tanto Fanon como Foucault. (PENNYCOOK, 2006:75). Contudo, se faz necessário pensar em letramentos que deem conta das questões de interculturalidade desses sujeitos. bell hooks (2008) aponta a importância de olhar para esses sujeitos com um olhar mais cauteloso, não somente porque esses sujeitos se encontram em vulnerabilidade, mas no sentido de não ignorar que esses sujeitos possuem raça, gênero e território, porque estamos falando de sujeitos em contexto de migração/refúgio.

"[...] Eu penso nas pessoas negras se encontrando num espaço longe das culturas e línguas diversas que as distinguem umas das outras, forçadas pelas circunstâncias a encontrar maneiras para falar umas com as outras em um "novo mundo" onde a negritude ou a escuridão da pele, e não a língua, poderia tornar-se o espaço de ligação [...]" (hooks, 2008:859)

Pensar em espaços de interação entre corpos negros, que sejam espaços oportunos para a criação de políticas sociais decoloniais, é o primeiro passo para se pensar em letramentos de reexistências como prática de liberdade. É de função dos letramentos críticos pensar o que está envolvido nas relações de poder da linguagem, nas relações de gêneros afim de ampliar de transgredir a ideia de linguagem. "Transgredir sugere hooks, é opor, resistir e cruzar os limites de opressores da dominação pela raça, gênero e classe. (PENNYCOOK, 2006:75). Essa ideia da reexistência, de você não apenas reexistir, mas você revitalizar a existência, de pensar novas formas de viver dentro da língua portuguesa, é um caminho novo para o campo da LA. Em que "mudar a maneira como nós pensamos sobre linguagem e como nós a usamos necessariamente altera a maneira como nós sabemos o que nós sabemos." (bell hook, 2008:862).

5. DECOLONIALIDADE EM CONTEXTOS MULTILINGÜÍSTICOS E MULTICULTURAIS

Quando pensamos em decolonial, entendemos uma forma não opressora de pensar a linguagem; ao invés de repressão, temos o acolhimento. Ao invés de ver o sujeito e sua performance linguística pela falha, enxergamos as hipóteses linguísticas presentes em sua enunciação. Pensar de forma decolonial é (des) pensar (SANTOS, 2006) no sentido de que a Academia privilegia de forma ostensiva homens, brancos/as; o norte do conhecimento e não contempla as vozes africanas, ameríndias, negras da diáspora entre outras inviabilizadas e que muitos dos/as sujeitos/as em contexto de migração representam (MUNIZ, 2017).

Dessa forma, esta pesquisa se fundamenta em teóricos como Stuart Hall (2003) que aponta que estamos sempre em processo de formação cultural, pois para ele a cultura não é uma questão de ser, mas de se tornar. A ideia de multiculturalismo hoje é usada universalmente, porém ainda assim sua proliferação não contribuiu para o esclarecimento de seu significado. Entretanto, para alguns teóricos, o multiculturalismo se baseia em estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. Normalmente – diz ele em seu artigo: “*Pensando a diáspora reflexões sobre a terra no exterior*” – esse termo é utilizado no singular, significando assim a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais.

“[...] o termo “multiculturalismo” é hoje utilizado universalmente. Contudo, sua proliferação não contribuiu para estabilizar ou esclarecer seu significado. Assim como outros termos relacionados – por exemplo, “raça”, etnicidade, identidade, diáspora, - o multiculturalismo se encontra tão discursivamente enredado que só pode ser utilizado sob rasura.” (Hall, 1996) [...]” (HALL, 2003:51)

Pensar em diáspora – fenômeno que ocorre geralmente por conflitos civis, religiosos ou por fuga da condição de miséria e pobreza – traz consigo costumes culturais de determinados povos. E esses costumes não necessariamente são de um determinado território, pois geralmente são passados para gerações seguintes e influenciam nas relações sociais com a comunidade local, aderindo assim a um caráter globalizante. Para Hall (2003), a globalização, obviamente, não é um fenômeno novo, está envolvida tanto com a era das grandes explorações, as conquistas europeias e a criação de mercados capitalistas.

Para o autor, a cultura tem seus locais, mas, jamais pode-se dizer de onde ela se origina; diferenciando, assim, do termo multicultural, do qual se baseia em descrever as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade que apresentam diferentes comunidades que convivem e tentam assim construir uma vida em grupo, mas sempre mantendo sua originalidade e preservando assim sua identidade. Neste sentido, nos interessa interrogar e refletir como sujeitos em contextos de migração e as salas de aula que os acolhem podem lidar com este fenômeno multicultural sem apagar as existências identitárias desses sujeitos.

6. ACOLHER E REEXISTIR É POSSIVEL?

No ano de 2017 realizamos uma aula piloto com uma das turmas do curso Módulo Acolhimento. A turma era de nível 2 (nomeada Acolher 2) do curso Módulo de Acolhimento – Português para Refugiados e Imigrantes, ofertado pelo NEPPE na UnB. Embora a turma fosse de nível 2, estavam presentes alunos que já haviam cursado um semestre de aula e alunos que estavam começando a aprender a língua portuguesa.

De início podemos notar um olhar de desconfiança e desconforto partindo deles com nossa presença. Partindo por esse ponto, propomos em sala uma dinâmica para que ficássemos mais próximos deles. Em seguida, iniciamos a aula proposta no dia sobre gênero textual. O intuito da aula foi apresentar para os alunos um pouco sobre o gênero textual, escolhemos o *Cartaz*, de forma que o gênero escolhido por nós servisse de utilidade no cotidiano dos alunos. Ao final da aula, propomos que cada aluno elaborassem um cartaz.

Essa aula foi importante para que percebemos a caminhada que está sendo trilhada para um ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) que seja de fato acolhedor. Que esse ensino diário da língua seja de forma que conecte com os sujeitos, não ignorando as suas diversas realidades.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que foram apresentadas aqui nos levam a compreensão quanto à necessidade de discutir e pensar alternativas teóricas e políticas que tratam de

uma pedagogia que possa ser decolonial. A pesquisa propôs analisar a relação entre língua e identidade com língua de acolhimento e reexistência. Assim, analisar os possíveis letramentos que caminham nas instituições em que sujeitos em contexto de migração, imigração e refúgio estão para aprender o português. A importância de entender termos como performatividade, língua de acolhimento na construção de identidade desses sujeitos, levam a questionamentos de como podemos enxergar esses indivíduos sem deixar de lado os diversos contextos que vem carregados de conflitos e tensões e como podemos enxergar a ideia de linguagem a partir de práticas de liberdade.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANZALDUA, G. **Como domar uma língua selvagem**. Cadernos de Letras da UFF, 297-309, 2009.

CANDAU, Vera, M, F, OLIVEIRA, Luiz, F, **Pedagogia decolonial e educação antirracional e intercultural no Brasil**, Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.0, p.15-40, abr. 2010.

HOOKS, Bell, **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**, Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857, set. 2008. ISSN 1806-9584

PINTO, Joana Plaza, **Conexões teóricas entre performatividade corpo e identidades**, D.E.L.T.A, 231, 2007 (1-26).

NOGUERA, Renato. **Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE, 2012.

SOUZA, A. L.S. **LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA: poesia, grafite, música, dança: hip hop**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. 176p.

SOUZA, Ana Lúcia S. JOVINO, Ione S., MUNIZ, Kassandra S., Revista da ABPN - v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: **Letramentos de Reexistência**. Janeiro de 2018,
p.01-11